

Faltando pouco mais de cinco meses para as eleições presidenciais de 15 de novembro, as recentes pesquisas eleitorais, entre os vários dados de interesse que revelam, dão conta, já neste início de campanha, diferentemente das últimas eleições a que o País assistiu, do baixo índice de eleitores indecisos.

Esse dado, em nosso entender, revela, mais que o grande interesse do eleitor, sua opção pelo processo eleitoral como fórmula privilegiada de demonstrar insatisfação com o atual governo, com o estado de coisas por que passa o País, e não seria mesmo temerário afirmar que a rápida definição por candidaturas indica a preferência da sociedade brasileira por um futuro democrático, em que a escolha mediante eleições livres e independentes seja sua principal arma de participação e demonstração de suas opiniões sobre governos e dirigentes.

Grande parte da elite brasileira teme por um processo de radicalização do eleitorado. Entenda-se este processo como a opção preferencial dos eleitores por candidatos e candidaturas nitidamente contestatórios e de esquerda. Para nós, o que realmente nos preocupava

Presidencial O interesse pelas eleições

e ainda nos preocupa seria a total indiferença da sociedade com o processo político.

A indiferença que se registra quando de grande indecisão em eleições normalmente se reveste de desinteresse não só do eleitor com possíveis candidatos como também e principalmente com o próprio processo eleitoral, o que automaticamente coloca em xeque o sistema democrático de escolha, mesmo que momentaneamente.

Esta, sem dúvida, é a principal radicalização. Uma sociedade que desmerece a política, a eleição, deixa de acreditar na democracia e inevitavelmente abre caminho para o oportunismo, ficando à mercê dos aventureiros e dos demagogos, sócios dos regimes autoritários e de exceção.

Porém, não só as massas devem interessar-se pelas eleições. É fundamental que todos se interessem pelo processo, em particular as elites do País. Não se pode desprestigiar estas eleições apenas porque nestas primeiras pesquisas candidatos fora de esque-

mas aparecem disparadamente nos primeiros lugares. Se isso acontece, e nos parece que é o caso, seguramente é porque o povo brasileiro demonstra até aqui que não está minimamente interessado na continuidade das atuais práticas políticas.

Se não fosse de outra forma, por que o ex-governador Collor de Mello cresce mês a mês nas preferências populares? Seria ingênuo e mesmo ineficaz qualificá-lo apenas como fenômeno de mídia ou um bem elaborado produto de marketing. Dizê-lo mesmo vazio de programas pode ser arma para palanques, mas não o explica. Mais simples é aceitarmos desde logo que sendo Collor, Brizola ou Lula, todos eles, "per fas et per nefas", conquistam neste momento a preferência popular porque combatem o governo, as políticas encetadas nos vários campos da vida nacional, ou mesmo os próprios políticos.

É verdade que algumas das hoje vitoriosas campanhas políticas contrabandeiam resquícios do passado, trazem em seu cerne fler-

tes com o populismo e noivados com o autoritarismo. Mas o que o povo enxerga é a coerência da oposição e o discurso das reformas. Não adianta dar-se a elas combate com as mesmas armas.

O povo brasileiro continua a querer as mesmas coisas que o fizeram acorrer aos milhares para as praças públicas nas campanhas das "Diretas Já" ou da eleição da Tancredo. Continua a esperar a dignidade de uma vida economicamente melhor, com maior redistribuição de renda, como a que saboreou em alguns meses do Plano Cruzado. E, sobretudo, espera que promessas como probidade administrativa no governo, o fim do Estado atrofiado, o combate à corrupção e ao desmando saiam das intenções e passem para a prática.

O povo brasileiro não espera com as eleições realizar nenhuma grande revolução, não espera também dos candidatos nenhum programa acabado, mas espera, sim, que os políticos passem a respeitá-lo e que no poder executem coisas simples, como por exemplo o respeito à coisa pública e à razão do voto dos eleitores.